

# AUTOBIOGRAFIAS, BIOGRAFIAS E CRÔNICAS DE PAULINO DE OLIVEIRA

**Maria Alice Ribeiro Gabriel\***

 <http://orcid.org/0000-0003-0256-1306>

**Como citar este artigo:** GABRIEL, M. A. R. Autobiografias, biografias e crônicas de Paulino de Oliveira. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-18, jan./abr. 2023. DOI 10.5935/1980-6914/eLETLT15623

**Submissão:** outubro de 2022. **Aceite:** dezembro de 2022.

**Resumo:** A natureza de textos autobiográficos e biográficos abrange obras literárias e não literárias, formas de escrita presentes no foco específico deste artigo: as *Crônicas* (2001) do escritor brasileiro Paulino de Oliveira (1899-1992), conhecido por seu legado relativo à cidade de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais. Apoiado em obras de Almir de Oliveira (1981, 2001), Christina Ferraz Musse (2008) e James William Goodwin Júnior (2008), que examinam a história da imprensa e do jornalismo em Juiz de Fora no século XX, o propósito deste estudo é discutir como o cronista relata o passado unindo narrativas autobiográficas e biográficas.

**Palavras-chave:** Biografia. Crônica. Jornalismo. História. Literatura.

■ **N**o século XX, James Olney analisou comparativamente modalidades de relatos de vida a partir da Narratologia, privilegiando os atos de recordar e narrar. Segundo Holli G. Levitsky (2000) e Paul John Eakin (2015), Olney distinguiu na relação entre memória e narrativa um caminho para pensar a escrita autobiográfica como objeto de pesquisa da Teoria Literária.

---

\* Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. E-mail: rgabriel1935@gmail.com

Ao discutir a temporalidade autobiográfica e a relação do objeto autobiográfico com a aparente passadidade<sup>1</sup> do passado, Louis A. Renza (1977) arguiu que o passado narrado nunca é simplesmente lembrado: sua presentificação pelo autor no ato de escrever expõe o momento da escrita. Para Renza, a autobiografia apenas parece ser uma atividade cognitiva imaginativa que busca retratar a verdade do passado narrado no presente da situação narrativa. A noção de autor-referencialidade do “eu” que presentifica e reexperencia o passado ressurgiria em obras de Jeremy D. Popkin, Paul John Eakin e Paul Ricoeur, que correlacionaram tópicos como temporalidade, historicidade, memória, identidade e subjetividade na construção de narrativas, expandindo as pesquisas e teorias sobre as modalidades de escrita autobiográfica e biográfica.

Para James Noonan (1993), escritos autobiográficos e biográficos sempre tiveram forte apelo sobre os leitores, estejam estes interessados em história ou literatura. Apesar de críticos literários e historiadores divergirem sobre o contributo do gênero memórias para o estudo de ambas as disciplinas, relatos de vida e testemunhos de eventos significativos para uma cultura são atrativos para o leitor comum, o mercado editorial e a imprensa. O fascínio por tais relatos comportaria o desejo de conhecer e de se conectar à experiência de outrem.

Analisando o aporte da biografia para a Historiografia e a História da literatura, Barbara Caine (2019, p. 10) notou que o interesse pela biografia no século XVIII gerou demandas que a História tradicional não podia suprir. A quantidade e a variedade de escritos íntimos e relatos de vida no mercado editorial do século XIX levaram, segundo Caine (2019, p. 63), ao aumento de estudos sobre autobiografia e biografia produzidos por autores, críticos e teóricos literários.

Philippe Lejeune (1989, p. 22) destacou aspectos da autobiografia relativos ao alcance do gênero: escritos íntimos fornecem a leitores e pesquisadores versões particularizadas da realidade; além disso, opostas a todas as modalidades de ficção, biografia e autobiografia são textos referenciais, que, tais como os discursos científico e histórico, admitindo-se passíveis de verificação, propõem apresentar informações concernentes à realidade exterior ao texto.

O registro de informes, expôs Hayden White (1987, p. 4), permite ao discurso histórico desenvolver por completo a narratividade dos fatos referidos. Historiar o passado exige que o relato reúna todos os aspectos da narratividade e o uso judicioso da evidência ao narrar a cronologia dos fatos, não como mera sequência, mas como estrutura imbuída de significado.

White (1987, p. 6) definiu a crônica como forma alternativa de representação histórica, que aspira à narratividade, mas falha em obtê-la por não lograr o fechamento da narrativa, ou seja, pausando-a *in medias res*, no presente do próprio cronista, suspende-se o desfecho dos fatos registrados, como se emergissem à consciência em meio a situações não terminadas.

Comuns a *História de Juiz de Fora* (1953), *Memórias quase póstumas de um escriba provinciano* (1974b), *Efemérides juizforanas* (1975) e *Crônicas* (2001), de Paulino de Oliveira (1899-1992), as formas de representação do discurso histórico assinalam, neste artigo, o ponto de partida na abordagem dos textos biográficos e autobiográficos da cronística do autor. A ideia de textos híbridos, em que

<sup>1</sup> Na hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur (1985, p. 277), o termo passadidade (*passéité*) envolve a ideia de representação de uma ausência, do estado anterior de algo, do que existiu ou se efetivou no tempo, logo, o “ter sido” do fato e o do testemunho não são passíveis de observação, mas de rememoração. Nesta, o caráter falível, dinâmico, efêmero e mutável da memória pode inscrever elementos de ficção ou invenção na narrativa histórica.

o autor biografava pessoas ao contar a própria história ou se inclui entre os biografados ao compor o retrato de uma era, grupo, instituição ou lugar, é pertinente às crônicas de Paulino de Oliveira e pode ser sintetizada numa das digressões das *Memórias*, quando, em certa digressão da narrativa, Pedro Nava (1974, p. 209) comenta que: “Os parentescos e amizades começaram a tecer a teia dos conhecimentos e dos amores”.

O objetivo de divisar nas *Crônicas* excertos autobiográficos e biográficos, para analisar como foram combinados pelo cronista ao narrar o passado, baseou-se, *a priori*, nas reflexões de Caine (2019, p. 63-69) sobre obras simultaneamente biográficas e autobiográficas. Nesse sentido, os termos escrita de vida e (auto) biografia indicam que a escrita biográfica implica o envolvimento autobiográfico do autor, sobretudo quando este tem algum vínculo (amizade, inimizade, parentesco, trabalho etc.) com o biografado, tópico abordado na segunda e terceira seções do artigo, antecedidas por algumas notas sobre o contexto de produção das *Crônicas*. Em específico, a última parte deste estudo apresenta um dos perfis biografados pelo cronista.

### **PUBLICAÇÕES DE VARIA ÍNDOLE ORIENTAM AS SOCIEDADES MODERNAS**

A produção cultural dos séculos XIX e XX reflete amplo espectro de transformações envolvendo políticas bélicas, expansionistas e nacionalistas para aquisição de novos mercados e territórios; redefinições do conceito de nação, de fronteiras geográficas, da identidade de estados e povos; movimentos de desterritorialização e reterritorialização ligados a diásporas, êxodos e migrações; deslocamentos populacionais do campo para áreas urbanas; crescimento desordenado de cidades; alterações ambientais; declínio do trabalho artesanal em relação ao industrial; diferenciação gradativa entre pseudociência e ciência; criação de instituições de ensino sob políticas educacionais de estado; valorização do academicismo e surgimento de disciplinas científicas; difusão de usos inéditos da pintura, daguerreótipo e fotografia.

Todas essas transformações remetem ao desenvolvimento da imprensa, à conquista das leis de direitos autorais, à consolidação do setor editorial e ao reconhecimento do jornalismo como profissão. Pesquisadoras da cultura jornalística da Era Vitoriana, Laurel Brake e Marysa Demoor (2009, p. v) afirmam que o jornalismo impresso retratou e moldou as complexidades de seu tempo, fenômeno repetido com características próprias pelo advento da internet. Desde a fundação do semanário *Newcastle Courant*, em agosto de 1711, a imprensa na Grã-Bretanha e na Irlanda erigiu-se como indústria única, compreendendo acionistas, anunciantes, cartunistas, distribuidores, editores, redatores, ilustradores, fotógrafos, jornalistas, literatos, proprietários, publicistas, publicitários e tipógrafos, entre outros prestadores de serviços, unindo, de forma rizomática, pessoas com interesses e vínculos institucionais, políticos e sociais diversificados.

Segundo Brake e Demoor (2009, p. v), de modo geral, o número de jornais, *magazines* e periódicos no século XIX é prodigioso, dado sugestivo da relativa importância adquirida por livros e publicações em série, que alcançaram, no período, balanço raro na história da cultura impressa. Jornais e revistas foram essenciais na difusão de vários discursos eruditos, políticos e sociais do século; revelaram autores com a publicação rotineira de obras literárias, criaram, inves-

tigaram e veicularam fatos; anunciaram produtos, serviços e modismos, desempenhando função econômica vital; assim como ofereceram entretenimento a diferentes classes sociais e faixas etárias, por meio de caricaturas, *cartoons*, concursos, obras literárias, *hoaxes* e *puzzles*. Os critérios e as metas da indústria cultural são um dos pilares do desenvolvimento da imprensa.

Neste estudo, a menção à imprensa europeia justifica-se por seu caráter representativo de paradigmas culturais considerados exemplares para a sociedade brasileira oitocentista. Sob uma perspectiva sociológica, na forma de diários, folhetins, gazetas e jornais, as publicações da imprensa contêm um panorama das práticas e dos valores de um grupo no tempo. Em *Sobrados e mucambos* (1936), Gilberto Freyre extraiu de periódicos oitocentistas dados que reconstituem parte do cotidiano dos segmentos sociais mais representativos do período de transição entre o Brasil colonial e o republicano, revelando traços da alimentação, arquitetura, comportamento, mentalidade, economia, práticas médicas, farmacopeias, ofícios, paradigmas estéticos, aspirações de consumo, evolução técnica, tendências literárias e “vogas da época”:

*As gazetas coloniais, e mais tarde as do Império – a Gazeta do Rio de Janeiro, que era a da Corte, e a Idade d’Ouro do Brazil, de Salvador, o Diário do Rio de Janeiro e o Jornal do Commercio, o Diário de Pernambuco – vêm cheias de réclames de coisas francesas e inglesas; de anúncios de técnicos e artistas europeus – principalmente ingleses, franceses e italianos – e de suas habilidades ou de suas artes. Réclames não só de clássicos latinos, mas das obras completas de Voltaire, das Viagens de Gulliver, das Poesias de Bocage, das operetas de Bellini, da Gramática Inglesa de Jonathan Abbot, das Novelas de Saavedra, dos livros de Say e Adam Smith, de Bentham e Milton. O Almanach do Rio de Janeiro começa a aparecer cheio de nomes franceses, ingleses e italianos de parteiras, cabeleireiros, confeitores: Teissier, com seu “grande sortimento de cabellos postiços”; Francioni, com seus “sorvetes a qualquer hora”; outros com seus novos processos europeus de enxertar dentes “nas raízes dos podres”; firmar “dentaduras, queixos, ceos de bocca”; ainda outro com sua “descoberta milagrosa para curar bebados”, a qual já teria curado “1900 pessoas”. [...] Quase pela mesma época – em 1809, 1810, 1811 – a Gazeta do Rio de Janeiro anunciava carruagens vindas de Londres. [...] Também um Mr. Blake aparece pelo Jornal do Commercio de 16 de outubro de 1827 anunciando “novas preparações químicas”. O prestígio do “Laboratório Chimico”. O prestígio da droga de laboratório ou vinda da Europa. [...] Os anúncios de comida importada também aparecem com frequência nas gazetas coloniais, acentuando-se nas do tempo do Reino e do Império. Eram presuntos frescos de Vestfalia a 240 réis a libra como os que anunciava a Confeitaria de Horacio Meseri pelo Jornal do Commercio de 25 de outubro de 1827 (FREYRE, 1996, p. 336, grifo do autor).*

Gilberto Freyre (1996, p. XLVII) descreveu repercussões sociais do regime monárquico ao republicano, analisando a confluência dos processos de europeização e de urbanização nas principais áreas do país (Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco e Rio Grande do Sul): “Verá facilmente o leitor que este ensaio repousa em grande parte em manuscritos de arquivos públicos e particulares e em anúncios de jornais”. Jornais brasileiros do século XIX enaltecem as “modas europeias mais requintadamente burguesas” como indicativas de projeção social; alimentos, materiais e tecidos importados inadequados ao clima tropical

fomentam anúncios que gabam as propriedades curativas de unguentos, “águas”, “leites” e loções para assaduras, brotoejas e irritações da pele; alguns anúncios prometem recompensar “generosamente” “a quem dar notícia” de escravos fugidos, outros buscam ou oferecem os serviços dos chamados escravos “de ganho” e daqueles hábeis em ofícios manuais, como carpinteiros e cozinheiros.

“Ainda na primeira metade do século XIX, começam a aparecer nos jornais brasileiros anúncios de ‘casas de sobrado’ ou ‘quartos para creados ou escravos’ ou ‘dependências’”, que, segundo Gilberto Freyre (1996, p. 234), pretendiam reproduzir o estilo de vida europeu oriundo da Revolução Industrial. No Brasil, o declínio gradual da economia de base agrícola e escravocrata, os movimentos imigrantistas e a urbanização de sentido europeizante, sobretudo de viés francófilo a partir do Segundo Reinado, acrescentaram materiais como ferragens e vidro à casa colonial, tradicionalmente feita de barro, madeira, pedra, tijolos ou taipa de pilão.

Ao lado dessas inovações, divulgavam-se políticas higienistas e de saneamento urbano; ficções em prosa, poesia, crítica literária e relatos, como os da série *Diário de uma Expedição*, que publicou a correspondência de Euclides da Cunha com o jornal *Estado de São Paulo* na Guerra de Canudos. A imprensa registrou os códigos de convivência familiar, laboral e social.

Em 1909, o filólogo, poeta e colunista do jornal *A Pacotilha* e da *Revista Maranhense*, José Augusto Corrêa (2022, p. 109-110) referiu entre os órgãos diários, matinais e vespertinos da imprensa do Rio de Janeiro os “periódicos da opinião carioca” que “abrilhantam a intensa vida social da maravilhosa capital do Brasil”, destacando os seguintes: *Jornal do Commercio* (um dos jornais mais antigos da América do Sul), *Jornal do Brasil*, *A Gazeta de Notícias*, *O Paiz*, *A Notícia* (“dos órgãos vespertinos o mais lido”), *A Imprensa*, *A Tribuna*, *Correio da Manhã*, *Diário do Commercio*, *O Seculo* e *O Correio da Noite*; os semanários ilustrados *Fon-Fon*, *A Careta*, *A Semana Ilustrada*, *O Degas*, *O Malho* e *O Tico-Tico* (“para creanças”) – esse último, assim como a revista mensal *A Leitura é Para Todos*, era publicado por *A Tribuna*.

O autor citou ainda *O Diário Oficial*, *O Brasil Médico*, a *Revista Médica*, a *Revista de Engenharia*, o *Kosmos*, *Os Annaes*, *A Rua do Ouvidor* e *Rio Nú*; apontou o fluminense *Jornal do Commercio* e o *Jornal do Brasil* como os “mais rendosos” e, ao refletir que “Diariamente aparecem e desaparecem publicações de varia índole”<sup>2</sup>, divisa uma perspectiva de mercado atrativa para investidores cobiçosos, inclusive de alianças comerciais e políticas. Mas são os “nomes rutilantes” das ciências e das letras que José Augusto Corrêa pôs em relevo na imprensa:

*A primeira das potencias moraes que orientam as sociedades modernas tem um dos seus principaes nucleos de expansão e influencia na grandiosa metrópole brasileira. Se muitos e eminentíssimos jornalistas que, no Rio de Janeiro, sublimaram a divina instituição da imprensa aos paramos da immortalidade já desapareceram, materialmente, na frialdade dos sepulchros, a sua obra ficou e será uma das mais brilhantes fulgurações da glória do Brasil. Outros gigantes da pena e do pensamento os substituíram, e os rutilantes nomes de Ferreira de Araújo, Joaquim Serra, Machado de Assis, Arthur de Azevedo, Saldanha Marinho, Evaristo da Veiga, Ferreira de Menezes, José do Patrocínio e os de tantos outros*

2 Optou-se por manter a grafia original dos textos citados anteriores às reformas ortográficas de 1943 e de 2009.

*sacerdotes da imprensa reflectem-se em Ruy Barbosa, Quintino Bocayuwa, Coelho Netto, Olavo Bilac, Bernardino de Amaral, Nuno de Andrade, Sylvio Romero, Ferreira da Rosa, Edmundo Bettencourt, Eduardo Salomonde, Alcino Guanabara, José Veríssimo, Virgílio Várzea, Paulo Barreto e em outros muitos, para que sejam mantidas as gloriosas tradições do jornalismo fluminense* (CORRÊA, 2022, p. 109).

Nas cidades do interior em processo de expansão econômica e de reformulação urbana, era comum adotar projetos culturais prestigiados nos grandes centros, reunindo nomes ilustres do lugar para fundar academias e agremiações literárias; para expor em álbuns, como indicou Ana Lúcia Fiorot de Souza (2007, p. 37), a imagem de “[...] um ícone de cidade moderna, no que tange ao modelo urbanístico propagado no período” e ao “projeto político e econômico” da “administração local”; para narrar a história do município ou de uma instituição, erigindo um memorial; e para criar jornais, em resposta às ideias e aos objetivos dos grupos dirigentes.

Pesquisadora da história da imprensa juiz-forana, Christina Ferraz Musse (2008) notou que o crescimento do município fez surgir vários jornais na segunda metade do século XIX:

*Nesse período, mais de trinta publicações pontificaram na cidade, a maioria de vida efêmera. Na virada do século, em que o município ganha investimentos na construção de fábricas e na urbanização, cresce a influência e o número de publicações em circulação.*

O *Pharol*, surgido em 1866, na cidade de Paraíba do Sul, no Rio de Janeiro, e transferido para Juiz de Fora em 1870; o *Constituinte*, em 1870; o *Correio de Minas*, em 1894; o *Jornal do Commercio*, em 1896; e aqueles originados no início do século XX: o *Diário Mercantil*, o *Lar Católico* e *O Lince*, surgidos em 1912; O *Dia*, em 1917; e *A Batalha*, em 1920 registram os preceitos republicanos do tempo e permitem, arguiu Musse (2008, p. 3) citando o jornalista Edmundo Lyz (1922, p. 64), que Juiz de Fora seja chamada de “capital intellectual do Estado de Minas”.

De acordo com o historiador James William Goodwin Júnior (2008, p. 2), o discurso publicado para retratar a cidade, em Juiz de Fora, entre 1884 e 1914, foi criado por homens de imprensa que divulgavam nos periódicos a visão de progresso urbano dos setores sociais dominantes. Elites letradas nacionais elegeram estilos urbanísticos de países capitalistas como modelos de civilização, indicados por jornais da época para redefinir o planejamento urbano, ajustando-o às inovações na educação, no trabalho e nos hábitos de consumo dos habitantes.

Os dados colhidos por Almir de Oliveira (1981, p. 5-6) no arquivo Dormevilly Nóbrega totalizavam, de 1870 a 1975, 550 periódicos editados em Juiz de Fora, 800 jornalistas e 584 pseudônimos, indicativos, até fins do século XX, do

*[...] que tem sido a imprensa periódica em Juiz de Fora e o que ela tem representado para a cidade e o Estado, como manifestação do pensamento, veículo de ideias, instrumento de formação da opinião pública e como expressão do nível cultural da cidade.*

No plano da história econômica e social dos séculos XIX e XX, para intelectuais e políticos, a imprensa seria recurso expressivo de trânsito entre domínios, a que o jornalista, conforme as circunstâncias, teria acesso por meio da escrita.

É nesse contexto que este estudo aborda o componente (auto)biográfico das crônicas de Paulino de Oliveira.

### **“ERA UMA ÉPOCA BRILHANTE DA IMPRENSA JUIZ-FORANA”**

Até o momento, os informes biográficos sobre Paulino de Oliveira ainda se restringem a *Memórias quase póstumas de um escriba provinciano*, a dados encontrados nas crônicas do autor, nas publicações do escritor Almir de Oliveira referentes à história e à imprensa de Juiz de Fora e à dissertação de mestrado defendida por Paulo Roberto Soares de Oliveira (2015).

Nascido em 1899, Paulino de Oliveira viveu até os dez anos no sítio dos pais, localizado nas imediações de Furtado de Campos, distrito de Rio Novo, próximo a Juiz de Fora, à época, próspera região cafeeicultora da Zona da Mata mineira. Quando Paulino Rodrigues de Oliveira (1856-1909) faleceu, D. Belarmina Pereira de Oliveira (1860-1949), viúva e mãe de 14 filhos, passou a residir em Furtado de Campos, onde Paulino de Oliveira frequentaria a escola apenas até ingressar, ainda muito jovem, no mercado de trabalho local: “Aos doze anos, já lia o Barão de Macaúbas, Júlia Lopes de Almeida, Casimiro de Abreu e ‘uma tradução muito chata de Edmundo de Amicis intitulada *O Coração*’ ... Aprendia enquanto compunha o jornal”, expôs Almir de Oliveira (2001, n. p.) na “Apresentação” das *Crônicas*.

Segundo Oliveira (2015, p. 45-47), devido à situação econômica familiar, o cronista não concluiu o estudo primário. Entre vários ofícios, foi aprendiz de telegrafista, em Rio Branco, e de tipógrafo, em Rio Novo, e, assim, notou Almir de Oliveira (2001, n. p.), aos 13 anos,

*[...] começou na imprensa como aprendiz de tipógrafo do jornal Rio Novo, de José Joaquim do Carmo Gama, que foi membro da Academia Mineira de Letras, ‘homem de muito saber’, como anotou Paulino de Oliveira em seu delicioso e valioso livro de memórias.*

O *Rio Novo* fechou as portas, mas Paulino de Oliveira seguiu no quadro de funcionários da tipografia, transferida para Juiz de Fora. Almir de Oliveira definiu-o nessa etapa como um jovem aprendiz dedicado aos livros e ao trabalho, que passou das oficinas da tipografia para a redação do jornal, tornando-se revisor, repórter e redator do *Guia Geral de Indicações Úteis*:

*Ali, desenvolveu-se o jornalista que havia dentro dele. Vieram outros jornais. Era uma época brilhante da imprensa juiz-forana, com Heitor Guimarães, Gilberto de Alencar, Lindolfo Gomes, Lage Filho, Albino Esteves, Edmundo Lys, Luís de Oliveira, José Rangel, Machado Sobrinho, Estêvão de Oliveira (OLIVEIRA, 2001, n. p.).*

Embora a carreira de Paulino de Oliveira na imprensa tenha sido longa e produtiva, após aposentar-se tardiamente como jornalista e servidor público, ele teve de continuar trabalhando, o que foi possível, expôs Oliveira (2015, p. 57), com auxílio do “[...] Professor Henrique José Hargreaves, que lhe oferecera um posto na Companhia Telefônica de Juiz de Fora, garantindo assim uma qualidade de vida melhor”. Sobre o legado do autor, Almir de Oliveira sugeriu a publicação dos textos de teor histórico da série “Depoimento” do *Diário Mercantil*, posto que:

*Paulino de Oliveira foi uma das mais expressivas personalidades do jornalismo juiz-forano. Foi no jornal que se revelou autêntico homem de letras. E por ter*

*conhecido bem a vida da cidade em que se radicou ainda jovem, veio a ser um de seus melhores historiadores, o que primeiro publicou uma sistematizada História de Juiz de Fora. Feita esta, publicou outras duas monografias – Companhia Mineira de Eletricidade pioneira da iluminação hidrelétrica na América do Sul e Pantaleone Arcuri e Juiz de Fora. Publicou, ainda, as Efemérides de Juiz de Fora. Esses seus trabalhos são indispensáveis a quem deseje conhecer a História juiz-forana (OLIVEIRA, 2001, n. p.).*

Acumulando as funções de jornalista, servidor público e pesquisador da história de Juiz de Fora, Paulino de Oliveira tinha amplo conhecimento da legislação, de serviços municipais e do traçado urbano da cidade. A exemplo do que se nota em “Grilos”, muitas crônicas comentam sugestões, reclamações e esclarecem dúvidas dos leitores sobre assuntos históricos e urbanos:

*Não me compete consultar nem citar leis – cada macaco no seu galho – mas pelo que sei, a União não é proprietária de tais áreas, pois a ela só pertencem “os terrenos marginais dos rios navegáveis, se por qualquer título não pertencerem a particulares” [...] A coisa, ao que me parece, deve ser regulada por lei municipal. Creio até que existe, desde há muito, legislação a esse respeito (OLIVEIRA, 2001, n. p.).*

Na crônica “Esgoto”, Paulino de Oliveira (2001, n. p.) une à pesquisa histórica o saber obtido como servidor público ao recordar “[...] uma turma de operários municipais, dirigida por um particular e que este trabalhava de graça para o povo” na limpeza das galerias de esgoto da cidade, serviço que durou até 1937, mantido por Henrique Suerus, posteriormente membro do Conselho Consultivo Municipal de Juiz de Fora. Paulino de Oliveira (2001, n. p.) historiou feitos de cidadãos, grupos e instituições destacados sem olvidar as ações de pessoas comuns:

*Antigamente, alguns serviços municipais, que hoje são diretamente realizados pela Prefeitura, estavam a cargo de particulares. Posso citar de memória, pela ordem em que caíram as concessões, o Matadouro, o Mercado e a Limpeza Pública”.*

De modo similar, em “Duas informações”, Paulino de Oliveira (2001, n. p.) expõe “[...] ao prezado confrade Décio Cataldi que já houve, de fato, como foi por ele noticiado, uma Guarda Noturna em Juiz de Fora” e responde à pergunta do colunista e radialista “[...] Salvador de Moura Fontes, na sua página ‘De tudo um pouco’ na revista ‘O Lince’” sobre a origem e a localização das estações da Estrada de Ferro Dom Pedro II em Juiz de Fora, precisando sua inauguração em 1871 e 1877. As pesquisas históricas e jornalísticas do autor certamente lapidaram seus perfis biográficos.

A crônica “Padre Wilson” não se fixa na biografia do ilustre juiz-forano Wilson Vale da Costa (1920-1965), mas na história de “pequeno jardim no Largo de São Roque” que Paulino de Oliveira (2001, n. p.), “na qualidade de velho morador da cidade”, recorda igualmente de modo autobiográfico:

*Morei ali vários anos, na esquina da Rua Paula Lima e depois Mariano Procópio, ao lado de Carlos Hugo Becker, exatamente em frente ao pequeno jardim, que estava agarrado à esquina daquela rua com a Avenida dos Andradas, antes chamada Gratidão.*

O cronista dialoga com a imprensa e os leitores sobre vários assuntos. O interesse por temas que remetem ao texto autobiográfico é sugerido em “O prefeito Olavo Costa e eu”:

*Por solicitação insistente de várias pessoas, vou falar hoje sobre o prefeito Olavo Costa, informar, como foi sugerido por uma delas, o que sei sobre sua carreira política e, principalmente, a razão por que fui por ele afastado, em 1959, da função de confiança que exercia na Prefeitura. Por causa desta sou forçado a falar de mim também (OLIVEIRA, 2001, n. p.).*

Os 122 itens das *Crônicas* foram selecionados pela professora Margarida Maria de Oliveira e por Wilson B. Cid, jornalista membro do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora. A coletânea não informa a data e a fonte original de publicação dos textos. Segundo Oliveira (2015, p. 41), além do *Diário Mercantil*, haveria outros repositórios para as crônicas, como: *O Correio de Minas*, *O Dia* e o *Diário da Tarde*, lembrando que o cronista fez uso do pseudônimo Artaxedes. Por sua vez, crônicas de teor biográfico, como “Antônio Francisco Gomes”, formam um repositório que preencheria a lacuna apontada por Almir de Oliveira:

*Paulino de Oliveira, que também ilustra, há muitos anos, o jornalismo local, na sua bem urdida “História de Juiz de Fora”, dedica à matéria pouco mais do que três páginas, apoiado nas publicações já referidas. Ocupa-se de uns poucos jornais, que lhe pareceram os mais importantes, como “O Pharol”, o “Jornal do Commercio”, “Correio de Minas” e outros de menor duração (OLIVEIRA, 1981, p. 5).*

Em “Acadêmicos jornalistas”, com “[...] informações sobre os fundadores da Academia Mineira de Letras que exerceram efetivamente o jornalismo em Juiz de Fora”, Paulino de Oliveira (2001, n. p.) biografou Heitor Guimarães, Albino Estêves e Gilberto de Alencar; em “Acadêmicos paulistas”, Dilermando Cruz, Machado Sobrinho, Mário de Magalhães e Estêvão de Oliveira; “Academia e AMI” reúne “[...] pequenos dados sobre os fundadores da Academia Mineira de Letras que atuaram na imprensa local”; em “Lyz e não Lis”, biografou o jornalista Antônio Gabriel de Barros Vale; em “Jarbas de Lery”, o especialista no gênero “reportagem de ficção”; em “Fíntias Guimarães”, o “repórter incisivo” e “cronista brilhante”.

### **“ALBERTO DE SALLES DUARTE, ANTIGO JORNALISTA EM JUIZ DE FORA”**

Um dos “periódicos da opinião carioca” distinguidos por José Augusto Corrêa (2022, p. 109), o jornal *O Paiz*, na edição de “sabbado, 22 de outubro de 1921”, reporta “O regresso do Presidente Bernardes a Minas. O seu embarque na ‘gare’ da Central do Brasil. Homenagens recebidas durante a viagem e sua recepção em Juiz de Fôra”. Além da comissão de recepção de Juiz de Fora e autoridades locais, a notícia inclui pessoas e instituições representativas da cidade. O juiz, bibliófilo e tradutor Arduino Bolívar e o filólogo José Quintella Vaz de Mello estavam entre os nomes das ciências e das letras; entre os membros da imprensa mineira, notam-se os jornalistas Cipriano Lage, redator-chefe do vespertino *A Noite*, e Alberto Salles Duarte:

*Recebeu hontem o presidente Arthur Bernardes, ao regressar ao seu Estado, novas e significativas homenagens, demonstrativas da estima e do apreço que*

*lhe tributa a grande maioria da população desta capital, como expressão do sentimento geral de todo o país. Pouco antes das 9 horas, chegava o illustre estadista á estação Central, onde o aguardavam o representante do Sr. Presidente da República, o vice-presidente da República, altas autoridades, senadores, deputados, representantes de varias classes sociaes e uma enorme multidão, que acclamava com entusiasmo o futuro presidente da República. Com o Dr. Arthur Bernardes, seguiram os Srs. Coronel Vieira Christo, ajudante de ordens do presidente do Estado; Dr. João Luiz Alves, Dr. Fernando Mello Vianna, Dr. Samuel Libanio, Dr. Affonso Penna, Dr. Helenio Miranda Moura, doutor Washington Vaz de Mello, Dr. Francisco Chagas, Dr. Waldemiro Ferreira, official de gabinete; Dr. Sylvestre Penido, Dr. Arthur Bernardes Filho, Dr. Vieira Braga, capitão Raul Ribeiro, Dr. André Pereira, Dr. Rezende de Almeida, Dr. José da Silva, Dr. Pedro Alexandrino de Araujo, Dr. Affonso Vaz de Mello, prefeito de Belo Horizonte; doutor Luiz Gonzaga Figueiredo, Arlindo da Costa Silva, Adhemar Ribeiro, doutor Borges da Costa, director do hospital de Bello Horizonte; Dr. Ephigenio Salles, Dr. Octavio Steiner do Couto, coronel Alexandre Calmon, acadêmicos Tarboux Quintella, José Quintella Vaz de Mello, Carnot Sady Ferreira, official de gabinete; Dr. Sylconcellos, Dr. Cypriano Lage, doutor Vaz de Lima, coronel Arduíno Bolívar, Alberto Salles Duarte [...] (O MOMENTO, 1921, p. 4).*

A importância do “antigo e brilhante jornalista” Cipriano Lage no cenário da imprensa e da política nacional foi sintetizada por breve nota publicada na edição do *Correio da Manhã*, na “Terça-feira, 3 de Janeiro de 1943”:

*Perdeu “A Noite”, com a saída do sr. Cipriano Lage, um elemento de relevo na imprensa do país, onde tem um nome firmado mercê da sua reconhecida capacidade intelectual e do seu notório conhecimento dos homens públicos e da vida política da nação (DEIXOU, 1943, p. 3).*

Quase duas décadas antes de Cipriano Lage afastar-se do “tradicional vespertino carioca”, onde trabalhou como redator-chefe e diretor, o jornal *Correio da Manhã*, então propriedade de Edmundo Bettencourt, publicaria em 12 de novembro de 1925 a matéria “O ‘Correio da Manhã’ em Minas”, anunciando a “nova secção” de notícias, dedicada ao Estado de Minas Gerais. A escolha do jornalista que iria redigi-la sugere o alcance de sua reputação e suas ligações profissionais mais distantes de Juiz de Fora:

*É pensamento desta folha organizar no mais curto prazo um serviço completo de informações e notícias do Estado de Minas, de maneira a corresponder aos interesses dos nossos leitores no grande Estado assim como facilitar aos mineiros aqui residentes uma fonte ampla de conhecimento de factos que mais de perto lhes venha a interessar. Esse trabalho que deverá ser feito com cuidado começará pela Zona da Matta donde além do serviço telegraphico que diariamente “O Correio” proporcionará aos seus leitores – é pensamento de sua direcção organizar semanalmente uma [...] página contendo o retrospecto do que de mais importante venha a acontecer naquella região do Estado de Minas. Com esse fito “O Correio” entregou a nova secção ao sr. Alberto de Salles Duarte, antigo jornalista em Juiz de Fora, que para esse fim organizará na cidade acima referida o escriptorio geral de taes serviços. Esperamos para a semana, começar a nossa nova secção (O CORREIO, 1925, p. 2).*

A escolha de Salles Duarte para noticiar os acontecimentos mais significativos da região da Zona da Mata justificar-se-ia, igualmente, pela observação de Almir de Oliveira (1981, p. 18):

*Durante largo período da história mineira, Juiz de Fora foi o centro de convergência dos interesses econômicos da Província e do Estado, e teve nítida ascendência política e cultural sobre as demais cidades das Gerais, incluindo-se Ouro Preto e, até 1930, Belo Horizonte.*

Embora o jornalista Alberto de Salles Duarte, ou Alberto Sales Duarte, como é lembrado por Paulino de Oliveira nas *Crônicas* e na *História de Juiz de Fora*, tenha sido um publicista conhecido no país durante a primeira metade do século XX, informações biográficas sobre ele são escassas e restringem-se, principalmente, ao período da Revolução de 1930. Seu nome foi citado em *Revolução de Outubro de 1930 e República Nova*, tomo 25º das *Obras completas* (1955-1965) de Epitácio Pessoa (1965, p. 41), ao referir que, com o agravamento do conflito político que depôs Washington Luís e levou ao poder Getúlio Vargas, alguns jornalistas

*[...] chegaram a ser sequestrados, conduzidos ao quartel, e obrigados a assinar compromissos, como fizeram, por exemplo, os oficiais da guarnição de Juiz de Fora, com os Srs. Alberto Sales Duarte e Dr. Ulisses Fabiano Alves, redatores do Jornal da Mata e Correio de Minas.*

Djalma Alves de Azevedo (2000, p. 25) situou Sales Duarte junto a Heitor Guimarães e Jesus de Oliveira, jornalistas que, reunidos em assembleia a 18 de setembro de 1921, criaram em Juiz de Fora a Associação de Imprensa de Minas, a partir de 1949, renomeada Associação Mineira de Imprensa e sediada desde 12 de dezembro de 1951 em Belo Horizonte. Na crônica “Convocação”, Paulino de Oliveira evidencia o contributo de Salles Duarte para a Associação:

*Prometi escrever algo sobre a Associação Mineira de Imprensa, que ajudei a fundar em 1921, mas cheguei à conclusão de que a tarefa deve caber ao Dr. Albertino Gonçalves Vieira e não a mim. Ele tem completas informações a respeito, sabe a razão porque ela foi transferida para Belo Horizonte, e eu só sei que a princípio foi denominada Associação da Imprensa de Minas, tendo sido Heitor Guimarães o seu primeiro presidente. Para que não se diga, porém, que não informei nada, declaro que foi Sales Duarte quem teve a ideia de fundar a Associação e quem por ela mais trabalhou nos seus primeiros anos. Fiz parte da sua primeira diretoria, mas abandonei-a, algum tempo depois, por não concordar com o destino dado a um donativo que lhe fez o Dr. João Tostes, na importância de quinze contos de réis (OLIVEIRA, 2001, n. p.).*

Salles Duarte fundou em Juiz de Fora o jornal *A Tarde – Diário Independente*, que teve o primeiro exemplar vendido a 24 de janeiro de 1920. O periódico publicava notícias políticas, sociais, econômicas, culturais e pequenos anúncios. Dirigido por Cypriano Lage, o jornal era gerenciado por Aristarco Paes Leme, Waldemar Fahndrich e Moacir Rangel, com o cargo de redator ocupado pelo escritor Gilberto de Alencar. *A Tarde* deixou de circular em 1927 e foi relançada no início da década de 1950 pela Gazeta Comercial Artes Gráficas como *A Tarde – O Vespertino Noticioso e Independente*, cuja direção e gerência cabiam a Théo Sobrinho. A data de encerramento do vespertino é indeterminada (A TARDE, 2022). Almir de Oliveira (1981, p. 36) referiu *A Tarde* no capítulo sobre os periódicos integrados à história do “jornalismo político” em *A imprensa em Juiz de Fora*:

*“A Tarde” foi fundada por José Kascher e Sales Duarte e passou a seguir às mãos de Cypriano Lage, que foi militante do jornalismo carioca e juiz-forano, e de Gilberto de Alencar. Em 1923 teve Murilo Mendes como seu redator social.*

Salles Duarte é citado em várias crônicas de Paulino de Oliveira. Alternando os pontos de vista do autobiógrafo e do biógrafo, em “Alberto Sales Duarte”, o cronista parte da própria história para relatar acontecimentos pessoais e profissionais relativos ao jornalista biografado:

*Eu era ainda tipógrafo de “O Dia” quando conheci Alberto de Sales Duarte. Ele era repórter, mas sendo tipógrafo também, auxiliava nas oficinas compondo o folhetim que saía diariamente em roda. Depois andou fundando vários jornais na cidade. Redigia mal, tinha uma letra horrível, mas era talvez o melhor comentarista político que havia no Estado. Sua fama nesse setor da Imprensa ultrapassou as fronteiras de Minas e chegou ao Rio, São Paulo e Porto Alegre, onde a “Federação” costumava citá-lo. Não conhecia apenas a política nacional, mas também a de todos os municípios, mineiros ou não, pertencentes às áreas dos políticos em evidência. Conhecia-os de perto e com muitos deles mantinha boas relações. Daí a origem de seus furos. Sales Duarte dormia num quarto anexo à redação de “O Dia” e fazia as suas refeições nos melhores restaurantes da cidade. Sem ser um glutão, era um dos fregueses mais exigentes. Não fazia seus pedidos ao garçom, mas diretamente ao cozinheiro, a quem gratificava previamente. Entendia de culinária e tornou-se especialista na organização de banquetes. Inventou vários pratos novos, como o “arroz a Sales Duarte”, que ainda hoje é servido em alguns restaurantes. Dizia que era um “arroz à valenciana” mais barato. [...] Sales Duarte era um patriota. [...] (OLIVEIRA, 2001, n. p.).*

Paulino de Oliveira trabalhou com Salles Duarte, para Salles Duarte e como seu chefe. Em 1929, durante a campanha da Aliança Liberal, ele dirigia o *Correio de Minas* e convidou Salles Duarte para o cargo de redator político. Severino Costa, então proprietário do *Correio*, fez a seguinte recomendação a Paulino de Oliveira (2001, n. p.): “Politicamente você pode orientá-lo como quiser. Só não pode falar mal de Antônio Carlos nem de Artur Bernardes”.

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada fora líder na Câmara dos Deputados na presidência de Artur Bernardes (1922-1926) e um dos articuladores da Aliança Liberal quando presidente do estado de Minas Gerais, entre 1926 e 1930. Paulino de Oliveira (2001, n. p.) comunicou a recomendação de Severino Costa a Salles Duarte. Esse, porém, às vésperas da Revolução de 1930, redigiu contra Washington Luís o escrito intitulado “Só a chicote”, que foi alterado por Paulino de Oliveira. Por essa razão, ficaram algum tempo brigados, reconciliando-se quando Salles Duarte aconselhou Paulino de Oliveira a fugir, ao saber que ambos eram procurados por tropas do governo. Salles Duarte “foi esconder-se no Consulado português” e o cronista, em São José do Rio Preto, até 27 de outubro. Enquanto isso, durante o cerco da cidade, Cleveland Duarte, irmão de Salles Duarte, manteve a circulação do jornal sob censura, fato que motivou Paulino de Oliveira a deixar a direção do *Correio de Minas*, logo assumida por Salles Duarte.

Meses depois, tendo Severino Costa vendido o *Correio* a Ulisses Fabiano Alves, Salles Duarte fundou o jornal *Diário da Mata*, no qual tachava o cronista (recém-

-nomeado diretor da Secretaria da Prefeitura pelo prefeito Pedro Marques) de “proveitador da Revolução”, ao que Paulino de Oliveira (2001, n. p.) redarguiu “[...] pelo ‘Jornal do Comércio’, chamando sua folha de ‘Devezenquandária<sup>3</sup> da Mata”, “que não circulava diariamente”. Ao final do relato desses eventos, Paulino de Oliveira (2001, n. p.) acrescentou: “Nem desta vez cortei relações com Sales Duarte. Conheci-o bem, com seus defeitos e suas qualidades, e não poderia tornar-me seu inimigo”. Citando o fato de atuar ainda como tipógrafo quando Salles Duarte convidou-o para constar entre os fundadores da Associação da Imprensa de Minas, da qual integrou a primeira diretoria, admite igualmente ter sido Salles Duarte o profissional com quem mais conviveu durante seu tempo de contribuição ativa na imprensa de Juiz de Fora. Na versão de Almir de Oliveira, tais eventos são relatados na história do jornal *Correio de Minas*:

*Em 1928, Edmundo Lys e Lage Filho o arrendaram. Em 1929, foi adquirido por Severino Costa, industrial e político, que o pôs a serviço da Aliança Liberal, com Paulino de Oliveira na chefia da redação e Sales Duarte e Alves Júnior como redatores. Parou de circular em 3 de outubro de 1930, e, mais adiante, passou às mãos de Ulisses Fabiano Alves. Durou até 1949, quando era seu proprietário o jornalista Albertino Gonçalves Vieira, que foi farmacêutico e advogado, há pouco falecido como professor da Universidade. Passou o “Correio de Minas” por várias orientações políticas sob a direção de Lage Filho, Edmundo Lys e Sales Duarte (OLIVEIRA, 1981, p. 27).*

Paulo Roberto Soares de Oliveira (2015, p. 52-53) discorreu sobre esse episódio entre Paulino de Oliveira e Salles Duarte no início dos anos 1930, relatando-o a partir do momento em que o cronista se transfere do jornal *O Dia* para *O Diário Mercantil*, no qual, num primeiro momento, trabalhou menos de um mês e onde veio a conhecer aquele que seria “seu padrinho na carreira pública”: Pedro Marques de Almeida, prefeito de Juiz de Fora entre 1931 e 1933.

De acordo com Oliveira (2015, p. 52-53), à época dos acontecimentos, Juiz de Fora teria certa proeminência na política estadual e nacional. Em nível local, a disputa entre “Carlistas, apoiadores do então presidente do Estado Antônio Carlos” e “Bernardistas, partidários de Artur Bernardes”, dois grupos que se opunham ao presidente da República Washington Luís, era alimentada nos jornais da cidade “[...] mantidos por partidários politicamente orientados, como eram os casos do *Diário Mercantil* e do *Correio de Minas*, ligados à situação”. Em sua breve permanência no *Diário*, Paulino de Oliveira recusou o convite de Pedro Marques para “ocupar um cargo oficial na Aliança Liberal”. Pedro Marques então lhe ofereceu a direção do *Correio de Minas*, “mantido pelos Carlistas” e por Severino Costa, cujo conselho à época foi recordado por Paulino de Oliveira (1974b, p. 45) em suas *Memórias*: “Você pode meter o pau em quem quiser, menos em mim, no Antônio Carlos e no Bernardes. Pode poupar também o Dr. Rubens, mas o Braço Forte [Washington Luís] deve ser malhado todos os dias”.

Na posição de gerente e redator-chefe do *Correio de Minas*, observou Oliveira (2015, p. 53), o cronista não escreve contra o governo federal. Alegando acúmulo de atribuições:

3 O jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva (1986, p. 70) define “devezenquandário” como jornal que circula “sem periodicidade definida”.

*Ele então contrata Sales Duarte para cumprir essa missão de jornalista político. Essa característica que o autor demonstra de certa imparcialidade no trato com a política levaria consigo durante quase toda sua vida.*

Paulino de Oliveira (2001, n. p.) finaliza a crônica reconhecendo em Salles Duarte um patriota: “Apresentara-se como voluntário na Primeira Guerra Mundial, mas fora rejeitado no exame médico, por causa de uma lesão no coração. Morreu dela, solteiro, muitos anos depois e eu fui um de seus amigos de última hora”. Referente a Cleveland Duarte, constam alguns informes no capítulo “Jornalismo classista” de *A imprensa em Juiz de Fora*:

*Em 1930, coube a Cleveland Duarte, que foi tipógrafo muitos anos na cidade, editar a “Gazeta Operária”, lançando-a como “porta-voz das classes menos favorecidas junto aos poderes públicos nas suas justas aspirações”. Cleveland Duarte era homem modesto, mas de seguras convicções, a que aliava firme caráter. No ano seguinte a União Operária, entidade representativa dos trabalhadores, lançou “O Sindicalista”, que teve Benjamin Silva como diretor (OLIVEIRA, 1981, p. 43).*

Na crônica “Alves Júnior”, que Paulino de Oliveira (2001, n. p.) inicia declarando em tom confessional: “Vou falar agora dos meus amigos mortos, dos amigos importantes e dos amigos humildes. Começo por Alves Júnior que pode ser incluído nas duas categorias”. A biografia do jornalista e poeta José Alves Júnior complementa o episódio da Aliança Liberal e da Revolução de 1930, englobando as histórias de Paulino de Oliveira e Alberto Salles Duarte:

*Depois de “O Alicate”, Alves Júnior arranhou uma namorada em Mar de Espanha, desfez o seu noivado aqui e fundou lá um novo jornal. Por havê-lo envolvido na política, colocando-o ao lado de um grupo, elementos de outro grupo empastelaram suas oficinas. Acabou recebendo do Estado uma pequena indenização. Voltou para Juiz de Fora em 1929, indo fazer comigo e Sales Duarte a campanha da Aliança Liberal no “Correio de Minas”, então de propriedade do coronel Severino Costa. Eu era chefe dos dois, ganhando quatrocentos e cinquenta mil réis por mês. Alves Júnior, trabalhando menos, ganhava duzentos e Sales Duarte quinhentos. Este, porém, não recebia do jornal, mas de uma serraria do coronel, de sociedade com João Silveira Filho, existente na Rua Marechal Deodoro (OLIVEIRA, 2001, n. p.).*

Em um dos excertos de “Alves Júnior”, autobiografia e biografia ajustam-se recordando o efeito de *mise en abyme*, quando Paulino de Oliveira (2001, n. p.) refere a iniciativa da poetisa Cleonice Rainho, fundadora da Associação de Cultura Luso-Brasileira de Juiz de Fora, que reuniu os versos de José Alves Júnior (1904-1944)

*[...] (seis livros) num volume, em 1956, o qual foi publicado por conta do município. Lá, no seu “Poema Bataclânico”, em que descreve figuras e figurinhas do Cinema Pax, estou retratado como um “filósofo inveterado e jornalista anarquizado, que faz da vida brincadeira”.*

Há efeito análogo na crônica “Rui Novais”, em que a menção biográfica de Paulino de Oliveira (2001, n. p.) a Francisco Rodrigues de Almeida Novais: “O coronel Novais casou-se em idade avançada com uma irmã de Alberto de Sales

Duarte, creio que Dona Leonor e, sendo advogado criminal de renome, protegeu sempre os cunhados”, anuncia o principal biografado, o moço talentoso que “deixou a imprensa logo”, filho mais velho de Francisco Novais e sobrinho de Salles Duarte:

*Rui Novais, levado pelo tio Alberto, ingressou ainda menino na imprensa de Juiz de Fora. Já tinha as suas ideias literárias. Era o que se chamava futurista. Vivía às voltas com Mário de Andrade, Marinetti, Cocteau, De Cobra, etc. Não apareceu, de início, porque só fazia reportagens, e estas não eram assinadas. Em todas as rodas, porém, era muito admirado. [...] se vivesse mais tempo teria sido um luminar. Quando surgiu, assinando crônicas, também não ficou conhecido porque adotou desde logo um pseudônimo – Mário Ruiz. Lembro-me muito bem da primeira. Começava assim: “Era dia de saldos e retalhos no Parc Royal”, o que significava que a Rua Halfeld estava cheia de mulheres, mulheres de todas as idades e de todas as categorias sociais. Deste modo, muito pouca gente sabe em Juiz de Fora que existiu um moço de muito valor, na imprensa local, chamado Rui Novais. [...] morreu, creio, antes de completar vinte e cinco anos de idade. [...] Não posso dizer quando morreu Rui Novais. Creio que foi antes de 1930 (OLIVEIRA, 2001, n. p.).*

Nas *Crônicas*, relatos (auto)biográficos envolvendo Salles Duarte podem oferecer dados para a história da imprensa, da literatura e das políticas nacionais. “Escola Militar Nefelibática. Escola Literária de Sargentos”, crônica alusiva aos sargentos literatos de Juiz de Fora, Miguel Duarte e Wanderley dos Reis, retrata o cronista no cotidiano do jornal *O Dia*, “por volta de 1920”:

*Eu era tipógrafo, mas tinha entrada franca na redação, pois tanto Albino como o Dr. Rubens Campos eram meus amigos. Luís de Oliveira era gerente do jornal. Eugênio José Malta e Alberto de Sales Duarte os repórteres. Na crônica esportiva militava Ormino Maia, sob o pseudônimo de Orma. Havia muitos colaboradores, todos eles de nome feito, entre os quais Pelino de Oliveira, que assinava PO, fazendo com que muita gente pensasse que era eu (OLIVEIRA, 2001, n. p.).*

A crônica “Alberto Sales Duarte” concilia autobiografia, biografia e narrativa histórica. A função dos dados genealógicos, documentos, relatos escritos e orais varia nas crônicas. Em “Poço rico”, somados a recordações pessoais sobre grupos humanos, instituições, lugares e personalidades da região, esses informes enriquecem a história de Juiz de Fora e a história do cotidiano, atribuindo teor memorialístico à escrita (auto)biográfica de Paulino de Oliveira (2001, n. p.): “O asilo de Mendigos sempre mereceu toda a minha simpatia. Quantas vezes eu e Alberto Sales Duarte almoçamos lá, a convite do seu saudoso diretor, Sr. Honório de Melo”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das razões que torna o aporte das *Crônicas* profícuo para os estudos literários é o fato de inúmeros membros da imprensa dedicarem-se à literatura, mesmo por curto período, a exemplo de Rui Novais. Entre os homens de letras recordados estão Albino Estêves; Antônio Francisco Gomes, “um dos melhores jornalistas de Juiz de Fora”; Belmiro Braga; Dilermando Cruz; Edmundo Lys; Francisco Lins; Inácio Gama; Jarbas de Lery; João Massena; Gilberto de Alencar,

“um dos intelectuais que mais se realçaram nas letras mineiras”; Fíntias Guimarães e seu pai, Heitor Guimarães, “o príncipe dos jornalistas mineiros”; Lindolfo Gomes; Machado Sobrinho; Mário de Magalhães; Miguel Duarte e Wanderley dos Reis. A esses nomes também se relacionam anedotas populares, memórias e a história dos periódicos em que colaboraram.

Nas *Crônicas*, há muitos dados esparsos sobre uma mesma pessoa. As palavras de Almir de Oliveira ao término de *A imprensa em Juiz de Fora* justificam neste estudo a escolha de Alberto Salles Duarte como um dos textos biográficos exemplares de Paulino de Oliveira:

*Encerro aqui esta despretensiosa exposição, na qual falta muita coisa. Do muito que havia para dizer, colhi umas amostras. Ficaram de fora muitos jornais e revistas. Há omissão de nomes que mereceriam referência, como o de Alberto de Sales Duarte, um dos mais curiosos tipos de jornalistas que viveram em Juiz de Fora, responsável por algumas dezenas de folhas de vida efêmera que por aqui circularam. Os gastrônomos da terra ainda saboreiam nos restaurantes locais o “arroz à Sales Duarte”, iguaria de sua criação. A iniciativa de Sales Duarte se deve à criação da Associação de Imprensa de Minas (OLIVEIRA, 1981, p. 43).*

As *Crônicas* registram dados biográficos de advogados, alfaiates, cidadãos beneméritos, comerciantes, coronéis, engenheiros, estadistas, funcionários públicos, jornalistas, imigrantes, “intelectuais da cidade”, poetas e políticos, compondo um retrato ou memorial coletivo, feito, igualmente, de apontamentos (auto) biográficos sobre quem: “Nunca fez coisa alguma em Juiz de Fora”; a “gente de vida airada”; o proprietário “de velho automóvel roncador que fez furor nos carnavais anteriores a 1930”; a “primeira chauffeuse da cidade”; a família que, em 1918, “não havendo hospital na cidade” de Rio Novo, adaptou o próprio circo de cavalinhos para socorrer doentes com gripe espanhola; os senhores mais idosos da cidade, “que passam dos 80 anos”; e os “homens de memória incrível”, como o cronista e historiador Paulino de Oliveira.

#### **AUTOBIOGRAPHIES, BIOGRAPHIES, AND CHRONICLES OF PAULINO DE OLIVEIRA**

**Abstract:** The nature of autobiographical and biographical texts encompasses literary and non-literary works, forms of writing present in the specific focus of this article: the *Chronicles* (2001) of the Brazilian writer Paulino de Oliveira (1899-1992), best known for his legacy as historian and journalist regarding the city of Juiz de Fora, in the state of Minas Gerais. Based on works by Almir de Oliveira (1981, 2001), Christina Ferraz Musse (2008), and James William Goodwin Júnior (2008) that examine the history of the press and journalism in Juiz de Fora in the 20th century, the aim of this study is to discuss how the chronicler recounts the past combining autobiographical and biographical narratives.

**Keywords:** Biography. Chronicle. Journalism. History. Literature.

**REFERÊNCIAS**

- A TARDE. *Memórias da Imprensa*. [s. d.]. Disponível em: <https://memoriasdaimprensajf.wordpress.com/impresos-de-juiz-de-fora-9/impresos-de-juiz-de-fora/jornais/a-tarde/>. Acesso em: 12 set. 2022.
- AZEVEDO, D. A. *A imprensa do Brasil nasceu em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2000.
- BRAKE, L.; DEMOOR, M. (ed.). *Dictionary of nineteenth-century journalism in Great Britain and Ireland*. London: The British Library, 2009.
- CAINE, B. *Biography and history*. London: Macmillan, 2019.
- CORRÊA, J. A. *Tres capitaes*. Frankfurt: Verlag, 2022. Reprodução do original de 1909.
- DEIXOU a direção de “A noite” o sr. Cipriano Lage. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 14777, p. 3, 3 jan. 1943. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842\\_05&pagfis=14808&url=http://memoria.bn.br/docreader#](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_05&pagfis=14808&url=http://memoria.bn.br/docreader#). Acesso em: 12 set. 2022.
- EAKIN, P. J. Remembering James Olney (1933-2015). *Biography*, v. 38, n. 4, p. 465-478, 2015. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i24803060>. Acesso em: 12 set. 2022.
- FREYRE, G. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- GOODWIN JÚNIOR, J. W. “O anúncio é a alma do commercio”: anúncios na imprensa de Diamantina e Juiz de Fora na Belle-Époque. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 13., 2008, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. p. 1-22. Disponível em: <https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2008/D08A035.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.
- LEJEUNE, P. *On autobiography*. Translation Katherine Leary. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989.
- LEVITSKY, H. G. Review of *Memory and narrative: the weave of life-writing*, by James Olney. *Rocky Mountain Review of Language and Literature*, v. 54, n. 2, p. 105-107, 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1348127>. Acesso em: 12 set. 2022.
- MUSSE, C. F. A trajetória do *Diário Mercantil: alter ego* da cidade de Juiz de Fora. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. *Anais [...]*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/r3-0491-1.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.
- NAVA, P. *Bau de ossos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1974.
- NOONAN, J. Introduction. In: NOONAN, J. (ed.). *Biography and autobiography: essays on Irish and Canadian history and literature*. Ottawa: Carleton University Press, 1993. p. 1-7.
- O “CORREIO da Manhã” em Minas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 9.447, p. 2, 12 nov. 1925. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842\\_1925\\_09447.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1925_09447.pdf). Acesso em: 12 set. 2022.
- O MOMENTO político. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 4, 22 out. 1921. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=178691\\_05&pagfis=7618&url=http://memoria.bn.br/docreader#](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=178691_05&pagfis=7618&url=http://memoria.bn.br/docreader#). Acesso em: 12 set. 2022.

- OLIVEIRA, A. *A imprensa em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Imprensa Universitária da UFJF, 1981.
- OLIVEIRA, A. Apresentação. In: OLIVEIRA, P. *Crônicas*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2001.
- OLIVEIRA, P. *Crônicas*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2001.
- OLIVEIRA, P. *Efemérides juizforanas*. 1698-1965. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 1975.
- OLIVEIRA, P. *História de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Companhia Dias Cardoso, 1974a.
- OLIVEIRA, P. *Memórias quase póstumas de um escriba provinciano*. Juiz de Fora: Esdeva, 1974b.
- OLIVEIRA, P. R. S. *Paulino de Oliveira: o escriba, o cronista e a cidade*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.
- OLNEY, J. On the nature of autobiography. In: NOONAN, J. Introduction. In: NOONAN, J. (ed.). *Biography and autobiography: essays on Irish and Canadian history and literature*. Ottawa: Carleton University Press, 1993. p. 109-122.
- PESSOA, E. *Revolução de Outubro de 1930 e República Nova*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.
- RENZA, L. A. The veto of the imagination: a theory of autobiography. *New Literary History*, v. 9, n. 1, p. 1-26, 1977. DOI 10.2307/468434
- RICOEUR, P. *Temps et récit 2: la configuration dans le récit de fiction*. Paris: Seuil, 1985.
- SILVA, C. E. L. da. *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
- SOUZA, A. L. F. Espaços de memória no *Álbum do Município de Juiz de Fora* de 1915. In: SEMINÁRIO DIMENSÕES DA POLÍTICA NA HISTÓRIA: ESTADO, NAÇÃO, IMPÉRIO, 1., 2007, Juiz de Fora. *Anais [...]*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007. p. 37-41. Disponível em: <https://www.ufjf.br/nucleodehistoria/files/2009/11/Anais-I-Seminario1.pdf#page=37>. Acesso em: 12 set. 2022.
- WHITE, H. *The content of the form: narrative discourse and historical representation*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1987.